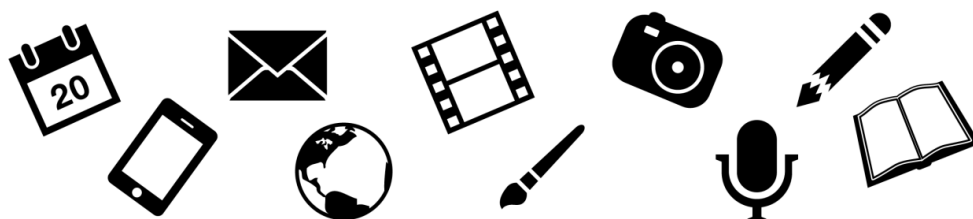




**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

02 e 03 de novembro de 2024

Notícias do Dia

Cacau Menezes (Interino: Marcelo Mancha)

“Arthur Moreira Lima”

Arthur Moreira Lima / Roberto Tonerá / UFSC



Da esq. para a dir.: Luiz Falcão, o jovem Arthur Moreira Lima, mestre Zequinha e Roberto Tonerá, também músico da Regional. Ao lado, o cartaz da turnê de 1985

Arthur Moreira Lima

A semana ficou triste com a perda do talentoso e criativo maestro Arthur Moreira Lima. Sem querer, tive uma conexão, mesmo que distante, com o maestro. Em 1985, ainda criança com 9 anos, assisti a uma apresentação de Arthur Moreira Lima e da Regional do Zequinha, num palco montado na Praia do Mar Grosso, em Laguna. Meus pais são de lá e a família costumava passar o verão na terra de Anita Garibaldi. A música, o público e o virtuosismo do maestro me marcaram positivamente, num momento em que eu descobria o mundo da música. O amigo Luiz Falcão, integrante da Regional, me enviou uma mensagem no dia do adeus, e

é o autor das próximas linhas. “Ele foi brilhante interpretando peças do compositor Ernesto Nazareth (1864-1934). Foi inventivo ao mesclar, com sua esmerada técnica, músicas clássicas e também músicas populares. Criou o projeto Piano pela Estrada. E levando seu piano em um caminhão visitou várias cidades, apresentando com genialidade e maestria a sua arte. A cada acorde ele trazia uma história da nossa música popular. Essa foto retrata um momento vivido pelo Regional do Zequinha numa turnê musical realizada com o Arthur Moreira Lima pelas cidades de Laguna, Balneário Camboriú e Florianópolis”. Obrigado, Falcão. Salve, maestro!

DC Revista, AN Revista e Santa Revista (02.11 – 08.11.2024)

Capa e Política

“Mudanças para além da América”

Mudanças para além da América / Eleição nos EUA / Kamala Harris / Donald Trump / Professor de Relações Internacionais / Daniel Corrêa da Silva / Clarissa Dri / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC



O
**MUNDO
EM DISPUTA**

Santa Catarina e todo o Brasil estão de olho nas eleições dos EUA tanto economicamente, quanto politicamente. Entenda o porquê. **PÁGINAS 6 A 11**

>> POLÍTICA | ELEIÇÕES AMERICANAS

MUDANÇAS PARA ALÉM DA AMÉRICA

1
ERIC ELOFSON, DIVULGAÇÃO

Disputa entre Donald Trump e Kamala Harris para a presidência dos Estados Unidos, que leva eleitores às urnas na terça-feira (5), tem impactos para economia catarinense e política do país

JEAN LAURINDO
jean.laurindo@nsc.com.br

As eleições presidenciais dos Estados Unidos, que ocorrem nesta terça-feira (5), são acompanhadas no mundo inteiro pelos possíveis efeitos de um novo comando no país conhecido por ser uma potência política, econômica e militar. Mas a escolha dos norte-americanos por Donald Trump ou Kamala Harris pode ter impactos na nossa própria aldeia, com consequências na economia catarinense e nas tendências políticas e sociais para o Brasil.

Um dos reflexos mais diretos que a eleição nos Estados Unidos pode ter sobre Santa Catarina ocorre na economia. Isso porque o mercado norte-americano é visto como estratégico para uma parte da produção industrial de SC. Somente em 2023, o mercado catarinense exportou US\$ 1,6

bilhão em produtos para compradores dos EUA. O ranking é liderado pelos setores de fabricação de madeira e produtos com esta matéria-prima (R\$ 561,8 milhões), automóveis e produtos automotivos como rebocos (R\$ 260,9 milhões) e equipamentos elétricos (R\$ 212 milhões).

O professor de Relações Internacionais da Univali e da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Daniel Corrêa da Silva, explica que a eleição afeta diretamente esses setores porque envolve um possível fechamento maior do mercado norte-americano a produtos estrangeiros. O assunto vem em alta desde a primeira eleição de Trump, em 2016. O argumento é de que mais restrições à entrada de produtos de outros países, como a rival China, poderiam proteger empresas nacionais e preservar preços e empregos dos americanos. As medidas acompanham o momento mundial de enfraquecimento do multilateralismo e tendência de disputa entre blocos de países.

Segundo o professor de Relações Internacionais, os cenários com Trump ou Kamala podem não ter perspectivas tão diferentes para SC. Isso porque embora o candidato republicano tenha um discurso mais enfático de protecionismo à economia dos Estados Unidos, quando foi presidente ele não atuou tanto quanto poderia

nesta direção. Já a gestão democrata de Joe Biden, vencedor da eleição de 2020, também não reverteu essa tendência de fechamento do mercado e de mais restrições a importações, como o discurso poderia sugerir.

— Trump parece verbalizar mais, mas na prática os dois devem continuar essa tendência, o que no caso de SC pode gerar algum tipo de impacto — detalha.

AS POSSÍVEIS MEDIDAS DE RESTRIÇÃO PARA O BRASIL

As medidas restritivas poderiam vir de diferentes formas. Em caso de vitória de Kamala Harris, ela deve apostar em subsídios para indústrias importantes, como os setores de energia renovável e alimentos. Nesse caso, empresas de SC e do Brasil que pensam em entrar no mercado norte-americano teriam mais dificuldades de competir, já que as empresas locais teriam incentivos financeiros e preços melhores. No caso de SC, o segmento de carnes de aves e suínos, que tem bons números de exportações para a Ásia, por exemplo, pode ficar em desvantagem na disputa pelo mercado americano.

No caso de vitória de Trump, que vê de forma mais agressiva a formação de blocos entre países, o protecionismo poderia



© JORDAN STRAUSS / GETTY IMAGES

Fortalecimento da extrema direita

As eleições nos EUA podem causar mudanças também no cenário político. A doutora em Ciência Política e professora de Relações Internacionais da UFSC, Clarissa Dri, avalia que em termos práticos o resultado eleitoral deve representar poucas mudanças para o país, mas considera que “em termos discursivos e retóricos”, a eleição de Trump seria uma ameaça à estabilidade política na América Latina.

A especialista aponta que há um momento de crise no multilateralismo e um esvaziamento de fóruns como a ONU, com papel de mediação e acordos entre países. Em vez da diplomacia, são os militares que atuam em conflitos como os de Rússia e Ucrânia e Israel. Nem mesmo o governo Biden conseguiu reverter essa tendência, o que leva a crer que nem Trump e nem Kamala conseguiriam frear esse processo.

Apesar disso, o discurso inflamado de Trump em favor do isolamento e do protecionismo poderia acentuar esse cenário.

— O governo Trump narrativamente defende a militarização, fala que a guerra pode ser uma saída importante, fala contra a paz. Isso não leva a uma minimização dos riscos militares, mas a um aumento.

No Brasil, o exemplo mais próximo disso seria a situação da Venezuela, onde há risco de conflitos e até mesmo guerras com interferência dos EUA e impactos no país.

As eleições americanas também devem influenciar na política de países latino-americanos nos anos seguintes. O professor de Relações Internacionais da Univali e da UFSC, Daniel Corrêa da Silva, afirma que uma vitória de Trump beneficia figuras mais conservadoras e de extrema direita até mesmo no Brasil, para disputas nos estados e à presidência. Figuras como Javier Milei, na Argentina, e Jair Bolsonaro, no Brasil, sairiam fortalecidos.

— Mas o contrário não necessariamente é verdadeiro. Uma vitória da Kamala não seria uma vida fácil para progressistas.

Uma vitória de Trump, em caso de manutenção do discurso negacionista sobre as mudanças climáticas, poderia esvaziar a tentativa do Brasil de retomar o protagonismo internacional a partir da pauta ambiental — o país sediará a COP 30 no ano que vem, uma agenda que pode ser enfraquecida caso os EUA não abracem o tema.

Embora a prática de Trump no poder não necessariamente tenha acompanhado toda a verve conservadora destacada pelo bilionário nos discursos, Clarissa Dri afirma que a narrativa acaba “tendo vida própria” depois da eleição, endossando posturas mais violentas. Para ela, essa retórica pode trazer instabilidade política à América Latina e ajudar a eleger extremistas no continente.

>> SEGUE >>

ocorrer na forma de corte de impostos locais e aumento de tarifas de importação, com até 10% de taxa sobre todos os importados.

— O que isso acarreta? Cadeias onde o Brasil compete diretamente com os Estados Unidos também vão ter dificuldades adicionais — explica o economista-chefe da Federação das Indústrias de Santa Catarina (Fiesc), Pablo Bittencourt.

Ainda no campo da economia, outro impacto direto sobre SC e o Brasil é que as duas candidaturas deixam preocupação com aumento da inflação nos Estados Unidos. Com o acirramento da eleição, as promessas dos candidatos têm aumentado, o que pode levar a uma alta dos gastos públicos e dificuldades fiscais.

ACORDO TECNOLÓGICO E ABERTURA DE MERCADO

Para os norte-americanos, o resultado seria aumento dos preços e uma taxa de juros mais alta. Para os brasileiros, deixaria os juros no país também elevados, para tentar competir com o retorno dado aos investidores nos Estados Unidos. Isso poderia levar um fluxo maior de investidores aos EUA do que ao Brasil.

A influência do cenário americano no dólar, variante importante nos preços dos

produtos no Brasil, já que muitos insumos por aqui são importados, também pode causar impactos no país dependendo do resultado da eleição.

Mais um aspecto que pode ter impacto para os catarinenses está na negociação de um acordo de facilitações entre Brasil e EUA para investimentos em áreas de tecnologia da informação (TI) e comunicações. A parceria foi discutida entre Trump e Bolsonaro, mas esfriou após a vitória de Biden. A dúvida é se uma vitória de Kamala poderia retomar essas conversas.

— A facilitação de investimentos poderia ser muito positiva para desenvolver serviços mais avançados, com taxa de remuneração mais elevada, e favoreceria nosso Estado, que tem polos consolidados de tecnologia — detalha Corrêa da Silva.

O economista-chefe da Fiesc confirma que a eleição nos Estados Unidos é um dos fatores externos ao Brasil mais importantes na definição de ações para alguns setores da indústria local, mas antecipa que nenhum dos dois candidatos que vença deve levar a um aumento das relações comerciais do país com o mundo.

— Uma vitória de Trump deixa mais incertezas com efeito imediato, ligado às tarifas, mas mesmo uma vitória de Kamala não quer dizer que [o país] vai voltar à abertura de mercado — diz Bittencourt.

1 Campanha de Kamala Harris, candidata democrata nos EUA

2 “Tornar a América grande novamente”, slogan de Trump

DONALD TRUMP

O BILIONÁRIO NACIONALISTA

Nome: Donald John Trump
Idade: 78 anos
Profissão: Empresário
Partido: Republicano
Candidato a vice: JD Vance, senador



O empresário Donald John Trump é o candidato do Partido Republicano à Presidência dos Estados Unidos na eleição de 2024. Ele tenta voltar ao cargo que já ocupou entre 2017 e 2020, em uma campanha marcada por um atentado a tiros contra ele no dia 13 de julho, na Pensilvânia — a bala acertou de raspão a orelha direita de Trump.

Trump nasceu em Nova Iorque, em uma família que atuava na construção de apartamentos para classe média e baixa. Formou-se em Administração na Universidade da Pensilvânia e passou a atuar na empresa da família. A corporação logo passou a atuar no mercado de luxo com hotéis, cassinos e arranha-céus.

Trump alcançou o status de celebridade mundial ao apresentar o reality show “O Aprendiz”, em que candidatos disputavam uma vaga de executivo de negócios. Durante o governo do democrata Barack Obama, Trump passou a intensificar críticas e comentários no campo político, o que alimentou a possibilidade de concorrer à presidência.

O perfil de empresário bem-sucedido, homem de fora da política — o chamado outsider — e o discurso nacionalista, contra imigrantes e em defesa dos empregos dos nativos americanos, formou uma combinação que agradou ao eleitorado conservador e o fez vencer a democrata Hillary Clinton nas eleições de 2016. A campanha foi marcada por ataques e escândalos como o caso Cambridge Analytica, em que vazamentos de dados de usuários do Facebook permitiram divulgação de materiais pró-Trump e anti-Hillary ao longo da campanha eleitoral.

Vencedor na disputa, Trump reduziu impostos, indicou juízes de perfil conservador para a Suprema Corte e fez ações contra a imigração, como a construção de muros em trechos da fronteira com o México — embora as construções não tenham ocorrido na proporção prometida.

Após uma gestão polêmica nos primeiros meses de pandemia de coronavírus, Trump foi derrotado pelo republicano e ex-vice-presidente na gestão de Obama, Joe Biden, na eleição de 2020. A disputa teve votação recorde e mobilizou o eleitorado norte-americano.

Trump tem 78 anos e é pai de cinco filhos — três do primeiro casamento, uma do segundo e um do terceiro matrimônio. O primogênito Donald Trump Jr. e Eric Trump também atuam na política dos Estados Unidos. Atualmente é casado com a ex-modelo Melania Trump.

MOMENTOS DA CAMPANHA DE DONALD TRUMP



CAU FRANCA, DIVULGAÇÃO

FACEBOOK, MOMENTO TRUMP, DIVULGAÇÃO

KAMALA HARRIS

A VICE PROTAGONISTA

A advogada Kamala Devi Harris é a atual vice-presidente dos Estados Unidos e candidata do Partido Democrata à presidência nas eleições de 2024. Ela foi indicada pelo partido para substituir na chapa o atual presidente Joe Biden, que tentaria a reeleição, mas desistiu da candidatura em meio a polêmicas sobre a idade e lapsos de memória registrados nos últimos meses. Caso vença a disputa, ela será a primeira mulher a ocupar a presidência do país.

Kamala nasceu em Oakland, na Califórnia, em 20 de outubro de 1964. É filha de uma pesquisadora indiana na área do câncer de um professor de economia, natural da Jamaica, e que chegou a lecionar na Universidade de Brasília (UnB) na década de 1990.

Kamala foi promotora de Justiça em San Francisco e procuradora-geral da Califórnia, sendo a primeira mulher negra a ocupar o cargo. Nessa função, teve atuação destacada em temas como educação e reinserção de acusados ao mercado de trabalho e defesa dos direitos da população LGBT. Mais tarde, Kamala elegeu-se senadora em 2016.

Na nova função, tornou-se crítica da gestão Trump e votou contra indicações do então presidente para a Suprema Corte e políticas de imigração do governo Trump, defendendo o fim da separação de famílias e crianças na fronteira. Pela atuação firme nos questionamentos, passou a ter o nome cogitado para disputas na Casa Branca. Em 2019, foi apontada como pré-candidata à Casa Branca, mas desistiu da disputa e mais tarde foi indicada como vice de Joe Biden. No cargo, lidou com questões como a imigração e o aborto, e precisou lidar com baixa popularidade durante parte do mandato.

Kamala é graduada em Ciência Política pela Universidade de Howard e em Direito pela Universidade da Califórnia. É casada com o advogado Douglas Emhoff desde 2014. É madrastra de dois filhos do marido do primeiro casamento, Cole e Ella.

>> SEGUE >>

Nome: Kamala Devi Harris

Idade: 60 anos

Profissão: Advogada

Partido: Democrata

Candidato a vice: Tim Walz, governador de Minnesota em segundo mandato



CASA BRANCA, DIVERSIÃO

MOMENTOS DA CAMPANHA DE KAMALA HARRIS



REUNIÃO, DIVULGAÇÃO



REUNIÃO, DIVULGAÇÃO



REUNIÃO, DIVULGAÇÃO

COMO FUNCIONAM AS ELEIÇÕES NOS ESTADOS UNIDOS

Sistema eleitoral americano difere muito do de outras democracias como o Brasil, tendo como mecanismo mais distintivo o Colégio Eleitoral. Entenda como um presidente é eleito na nação mais poderosa do planeta e algumas curiosidades sobre a disputa entre Republicanos e Democratas

TEXTO
LEO LAPS, ESPECIAL

INFOGRAFIA
CILIANE PEREIRA



O VOTO

As eleições nos Estados Unidos ocorrem de **forma indireta**. Os eleitores escolhem na cédula um dos candidatos a presidente — neste ano, Donald Trump (Republicano) ou Kamala Harris (Democrata).

Mas quem escolhe de fato o próximo presidente são os **Colégios Eleitorais**.

Dessa forma, o que o eleitorado americano faz de fato é **indicar qual candidato cada estado gostaria de eleger**.

COLÉGIO ELEITORAL

Criados com a Constituição dos Estados Unidos de 1787 como forma de equilibrar as forças de cada estado, os Colégios Eleitorais não são estruturas físicas.

São **formados por delegados** escolhidos através de listas definidas por cada partido em cada estado americano (as regras de escolha podem variar em alguns estados).

538 delegados no total



270 votos para ser eleito (metade mais um)

1 DELEGADO = 1 VOTO NO COLÉGIO ELEITORAL

PRÓXIMAS DATAS



Dia de eleição, uma terça-feira. Alguns estados já iniciaram a votação por correio, sistema permitido no país.



Divulgação do resultado da contagem de votos (há estados que realizam a contagem de votos de forma manual, por exemplo, enquanto outros utilizam automação).



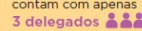
Dia da posse do novo presidente dos Estados Unidos. O evento segue um protocolo padrão com o juramento, discurso de posse, desfiles e até apresentações musicais.

A Califórnia é, disparado, o estado com mais delegados



54 delegados

Estados menores ou menos populosos, como Alaska, Wyoming e Vermont, contam com apenas 3 delegados



O número de delegados varia entre os estados e é definido conforme o número de senadores e representantes no Congresso



WINNER TAKES IT ALL

A maioria dos estados adota o sistema de "vencedor leva tudo" (em inglês, "winner takes it all"), onde o **candidato que obtém a maioria dos votos populares em cada estado ocupa todas as respectivas vagas de delegados**.

Assim, quem vence na Califórnia, por exemplo, ganha todas as 54 cadeiras de delegados e, provavelmente, 54 votos — é raro, mas um delegado republicano é livre para votar em um candidato democrata e vice-versa.

Maine (4 delegados) e **Nebraska** (5 delegados) são os únicos estados onde a formação dos Colégios Eleitorais é **proporcional ao percentual de votos dos eleitores**.

A MAIORIA QUE NÃO CONTA

O sistema que elege presidentes nos Estados Unidos permite que um **candidato seja eleito mesmo tendo recebido menos votos dos eleitores**.

Em 2016, Donald Trump venceu a disputa contra Hillary Clinton mesmo recebendo quase 3 milhões de votos a menos: 276 delegados decidiram as eleições daquele ano a seu favor.

Em 2000, o democrata Al Gore também perdeu a eleição para o republicano George W. Bush no Colégio Eleitoral, depois de obter mais votos entre a população. Somente em outras duas eleições, no século 19, o mesmo ocorreu: em 1876 e em 1888.



NÃO OBRIGATÓRIO

O voto não é obrigatório para a população, diferente do Brasil.

Para votar, é preciso:

- Ser cidadão dos Estados Unidos;
- Ter 18 anos no dia da eleição;
- Atender aos requisitos do estado onde reside;
- Estar registrado para votar dentro do prazo estabelecido pelo seu estado.

SISTEMA QUESTIONADO

O Colégio Eleitoral reforça o bipartidarismo presente nas eleições presidenciais. Assim, **Republicanos e Democratas não têm interesse em mudar o sistema**. Por outro lado, os candidatos não conquistam votos focando apenas em algumas regiões. Por essa razão, são obrigados a pensar em campanhas que abordem interesses de todos os estados.

Segundo uma série histórica de pesquisas de opinião, **a maioria dos americanos é a favor de abolir o Colégio Eleitoral**. De acordo com pesquisa do Pew Research Center citada em reportagem do site da BBC, e divulgada no mês passado, 63% dos participantes afirmaram preferir que o vencedor do voto popular seja o eleito.



63% preferem que o vencedor do voto popular seja o eleito

GASTOS POR PARTIDO

Nas eleições de 2024, o total arrecadado pelos candidatos presidenciais soma mais de 1,5 bilhão de dólares.

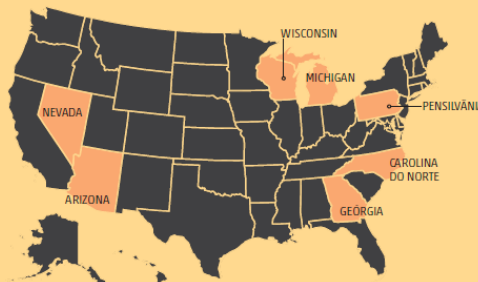


ESTADOS-CHAVE

Nos EUA, alguns estados são considerados "estados-chave" (os "swing states") por **não serem claramente democratas ou republicanos**. Além disso, pesquisas de intenção de voto indicam que a diferença entre os candidatos é pequena nessas regiões.

Um levantamento recente da CNN indica que os votos estão divididos quase igualmente na Geórgia, Nevada e Pensilvânia. Kamala Harris teria uma pequena vantagem em Wisconsin e Michigan, mas fica atrás de Donald Trump no Arizona.

Neste cenário, a Pensilvânia pode se tornar o estado mais importante para a decisão. Isso porque, além dos votos divididos, a região tem 19 votos eleitorais. O estado foi decisivo para eleger Trump em 2016 e Joe Biden em 2020.



DOIS PARTIDOS

Desde 1852, os partidos Democrata e o Republicano têm se revezado na Casa Branca. O que ocorre nos EUA é que **o sistema é bipartidário**. Por isso, os dois mais relevantes acabam disputando as eleições entre si.

Mas isso não significa que existam apenas esses. **Os Estados Unidos possuem outros partidos menores**, como Partido Verde e Partido da Constituição. Também é possível ser candidato independente, ou seja, sem ter ligação partidária.



PARTIDO DEMOCRATA

Joe Biden, presidente do país norte-americano, é Democrata. Kamala Harris é a atual candidata do partido, sempre representado pela cor azul, nessas eleições.

Associado ao liberalismo progressista, o partido democrata enfatiza a justiça social, equidade econômica e ambiental, um papel mais ativo do governo na provisão de serviços sociais. Defendem a expansão dos direitos civis, maior investimento em educação e saúde pública, e políticas comuns de bem-estar.

Alguns dos 16 presidentes democratas da história:

- Andrew Jackson (1829-37)
- Grover Cleveland (1885-89 e 1893-97)
- Franklin D. Roosevelt (1933-45)
- John F. Kennedy (1961-63)
- Bill Clinton (1993-2001)
- Barack Obama (2009-17)



PARTIDO REPUBLICANO

Representado pela cor vermelha, é o partido de Donald Trump

Tradicionalmente associado ao conservadorismo, o partido republicano defende o governo limitado, mercado livre, direitos individuais e um papel robusto dos Estados Unidos no cenário global. Focam em reduzir impostos, apoiar o empreendedorismo e manter fortes forças armadas.

Alguns dos 19 presidentes republicanos da história:

- Abraham Lincoln (1861-65)
- Theodore Roosevelt (1901-09)
- Dwight Eisenhower (1953-61)
- Richard Nixon (1969-1974)
- Ronald Reagan (1981-89)
- George W. Bush (2001-09)

CELEBRIDADES POLITIZADAS

Principais celebridades que manifestaram apoio a [Trump](#) ou [Harris](#)

ELON MUSK

Um dos principais nomes que declarou apoio ao candidato republicano Donald Trump foi o empresário Elon Musk. Além disso, o bilionário teria se comprometido a doar 45 milhões de dólares por mês à campanha do ex-presidente, conforme o Wall Street Journal.

GEORGE CLOONEY

Ator e produtor de Hollywood, George Clooney é apoiador de longa-data do partido Democrata. Foi uma das primeiras celebridades a endossar a candidatura de Kamala Harris. Além disso, escreveu uma coluna no New York Times pedindo a desistência de Joe Biden da corrida presidencial.

HULK HOGAN

No lado Republicano, também está o ex-lutador de vale tudo. Na convenção do partido, o ex-atleta subiu ao palco, rasgou a própria roupa e revelou uma camiseta com os nomes de Donald Trump e seu candidato à vice, J.D. Vance.

TAYLOR SWIFT

Uma das artistas mais ouvidas do mundo no Spotify, Taylor Swift publicou apoio à Kamala Harris no Instagram, rede social onde acumula mais de 280 milhões de seguidores. A publicação, feita logo após o primeiro debate presidencial, soma mais de 10 milhões de curtidas.

DC Revista, AN Revista e Santa Revista (02.11 – 08.11.2024)

Estela Benetti

“Fundação Certi soma 40 anos impulsionando a inovação”

Fundação Certi soma 40 anos impulsionando a inovação / Carlos Alberto Schneider / Curso de Engenharia Mecânica / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC

Fundação Certi soma 40 anos **impulsionando a inovação**

Nascida para desenvolver ciência, tecnologia e inovação, a Fundação Certi, de Florianópolis, idealizada pelo professor de engenharia mecânica da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Carlos Alberto Schneider, em 31 de outubro de 1984, está celebrando 40 anos. Nessas quatro décadas, apoiou a inovação no Brasil tanto para gigantes globais, como a WEG e a Embraer, quanto para mais de 7 mil startups.

A Fundação Certi foi precursora no apoio direto a novas empresas de tecnologia, o que criou um ciclo virtuoso e levou Florianópolis, agora, ao título de Capital Nacional das Startups. A Certi fundou a primeira incubadora de empresas de tecnologia do Brasil, a Celta, que foi premiada diversas vezes no país e exterior.

— Nós, hoje, temos 42 empresas incubadas que geram 730 empregos diretos e que em 2023 faturaram R\$ 69 milhões. Quando uma empresa cresce aqui, ela sai e entra outra faturando pouco para, depois de três anos, sair com resultado maior. Nos últimos cinco anos, nossas incubadas cresceram mais de 300% — destacou Erich Muschellack, superinten-

dente da Certi, em recente apresentação na Fiesc sobre os 40 anos da fundação.

Com o know-how da Celta, a instituição colaborou para a criação de programas Sinapse da Inovação em SC e o Centelha e InovAtiva Brasil, esses dois últimos em vigor com abrangência nacional.

Para a WEG, um dos projetos foi em automação industrial. E para a Petrobras, as pesquisas foram na área de resistência de materiais frente à corrosão no fundo do mar. Nesses 40 anos de atividades, a Fundação Certi teve quase 100 clientes e parceiros empresariais e instituições. Atualmente, entre os projetos mais demandados estão os das áreas de inteligência artificial e energia limpa.

E o aniversário de 40 anos de uma instituição que tem inovação no DNA teve como principal celebração um evento sobre o tema na tarde de quinta-feira (31): o painel “Rumos da Inovação”, na Associação Catarinense de Tecnologia (Acate). Na mesma data, à noite, os empreendedores e líderes da Fundação Certi fizeram um evento de agradecimentos e confraternização no Passeio Sapiens, novo espaço do Sapiens Parque.

Oktoberfest encerra com público acima da média / 39ª edição da Oktoberfest Blumenau / Gabrielle Cristine Kratz / Rainha da Oktoberfest Blumenau 2025 / Curso de Engenharia Têxtil / UFSC

FESTAS E ECONOMIA

Oktoberfest supera a marca de meio milhão de visitantes e tem público acima da média
PÁGINAS 24 A 27

>> CULTURA & COMPORTAMENTO | FESTA TÍPICA

OKTOBERFEST ENCERRA COM PÚBLICO ACIMA DA MÉDIA

Edição que celebrou os 40 anos da festa em Blumenau supera trauma das enchentes de 2023, dribla sustos e atrai 580 mil pessoas para se divertir no Parque Vila Germânica durante os 19 dias de folia

PEDRO MACHADO
pedro.machado@nsc.com.br

A 39ª edição da Oktoberfest Blumenau encerrou no último domingo (27) com motivos de sobra para comemorar — e algumas razões para se atentar. O trauma de 2023, quando, em uma decisão sem precedentes na história, a programação foi suspensa duas vezes por causa de enchentes que afetaram a cidade, está devidamente superado. Apesar da chuva que esfriou o início do evento, com o cancelamento do desfile inaugural e público aquém do esperado nos três primeiros dias, a Oktober demonstrou fôlego ao longo de outubro e reafirmou seu papel de maior evento cultural de Santa Catarina.

Em 2024, passaram pelos pavilhões da Vila Germânica 579.222 pessoas, cerca de 125 mil a mais do que na atípica e comprometida edição do ano passado (em torno de 454 mil visitantes). Este número ficou abaixo da histórica festa de 2022, quando 634.701 visitantes estiveram na Oktoberfest Blumenau depois de dois anos de folia represada por causa da crise da Covid-19. Ainda assim, o público ficou acima do visto em 2019 (576.560) e da média da última década (536.211), desconsiderando 2023.

Com exceção de alguns poucos dias, o clima ajudou e permitiu que cinco dos seis desfiles programados para a Rua XV de Novembro ocorressem — eles sempre são uma espécie de termômetro do público da Oktoberfest Blumenau. Dentro da Vila Germânica, boa parte dos lojistas e estandes de comida e chope celebraram boas vendas. O aparato tecnológico de última geração da segurança reduziu ocorrências de crimes e transtornos a índices pífios para uma festa deste porte e a limpeza, como nos últimos anos, não deixou a desejar.

Grande novidade para 2024, o boulevard construído pela Ambev foi também o responsável pelo momento de maior apreensão da festa neste ano. No dia 24 de outubro, um pedaço do forro da recém-inaugurada estrutura se despreendeu após a passagem de um forte temporal pela cidade. O incidente deixou três pessoas feridas,



Oktober demonstrou fôlego ao longo de outubro e reafirmou seu papel de maior evento cultural de Santa Catarina, reforçam os organizadores

sem gravidade. Parte da praça de alimentação precisou ser isolada para o concerto. A repercussão nacional do caso provocou apreensão na organização, mas a crise foi gerenciada e não afetou o comparecimento de um grande público nos dias seguintes.

PREFEITO E SECRETÁRIO CELEBRAM RESULTADOS

Algumas goteiras dentro da Vila Germânica e as longas filas nos banheiros femininos em horários de pico — este um desafio histórico — são outros fatores de atenção para a organização. Não existe, por outro lado, um evento deste tamanho 100% livre de problemas. Mas o saldo que fica é positivo. A extensa variedade do cardápio, a decoração, a instalação de uma praça de alimentação fixa com o novo boulevard (apesar do susto) e a sensação de segurança foram pontos altos da Oktoberfest.

— Foi uma das maiores Oktoberfests da história, não por números, mas pela alegria, pela qualidade da festa... É a marca de Blumenau e estou extremamente feliz

com que a gente entregou este ano — comemora o secretário de Turismo de Blumenau, Marcelo Greuel.

Números sobre consumo de chope e segurança ainda estão sendo compilados, mas o prefeito Mário Hildebrandt (PL) já antecipa que a experiência foi positiva. Prestes a deixar o cargo, com o fim do mandato em dezembro, ele celebra:

— Minha avaliação é excelente: de público, qualidade, segurança... Oferecemos para quem veio à festa uma verdadeira experiência de tradição, gastronomia e cultura germânica — disse.

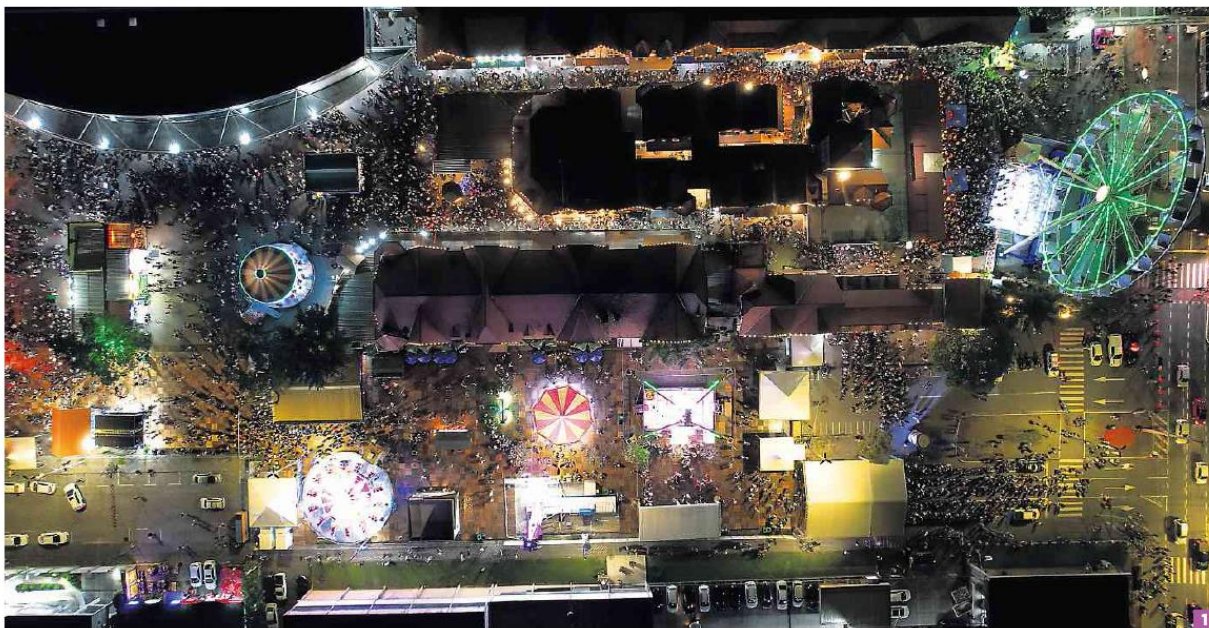
Apesar da passagem de bastão ao próximo chefe do Executivo blumenauense, o atual prefeito antecipa que a histórica 40ª edição já começou a ser pensada. A data, inclusive, já foi definida: de 8 a 26 de outubro de 2025.

— Podemos esperar uma edição ainda mais segura, com ampliação de parceiros e uma imersão ainda maior de tradição, gastronomia e cultura — adianta Hildebrandt.

Colaborou Bianca Bertoli

Foram, ao todo, quatro atrações internacionais na festa deste ano, sendo três alemãs e uma argentina

**CONFIRA ALGUNS DOS MOMENTOS ESPECIAIS REGISTRADOS PELO
FOTOJORNALISTA PATRICK RODRIGUES NA 39ª OKTOBERFEST BLUMENAU**



1 Imagem aérea mostra a movimentação em um dos sábados da Oktoberfest

2 Cinco desfiles pela Rua XV de Novembro levaram multidão à rua mais famosa de Blumenau

3 Apresentação de grupo folclórico de dança em um dos pavilhões da Vila Germânica

4 Sábado de maior movimento levou 70 mil pessoas à Oktoberfest Blumenau e motivou até mesmo a suspensão da venda de ingressos

5 O sorriso da integrante de uma das bandas que desfilam na Rua XV. Conjuntos escolares também compõem o evento

JOVEM LARGA TUDO PARA SER RAINHA DA OKTOBER

Gabrielle Kratz, de 28 anos, trancou a matrícula do mestrado, perdeu o emprego de carteira assinada e estudou a história da festa para conquistar a coroa

BIANCA BERTOLI
bianca.bertoli@nsc.com.br

Foram meses marcados pela abdicação, mas que trouxeram um resultado que surpreendeu a blumenauense Gabrielle Cristine Kratz, de 28 anos. Ela foi eleita rainha da Oktoberfest Blumenau 2025 na noite do domingo passado (27) e representa, junto com as princesas Giane Prochnow e Gabriela Schoeler, a 40ª edição do evento. Para isso, porém, trancou a matrícula do mestrado, perdeu o emprego de carteira assinada e estudou.

Muito. Gabrielle teve uma infância comum. Vinda de uma família humilde, criada com a presença constante da avó e estudante da rede pública — do ensino básico ao superior — foi uma menina descendente de alemães que sonhou em estar no carro da realeza durante os desfiles da principal festa do município — e segunda maior Oktoberfest do mundo.

A insegurança, no entanto, por muito tempo falou mais alto. Apesar dos incentivos da mãe, que também foi candidata à realeza na década de 1980, Gabrielle não se sentia capaz de concorrer por ser muito magra. Focou na faculdade de Engenharia Têxtil na UFSC, deixou os trabalhos que fez como modelo de lado e até iniciou o mestrado na mesma área enquanto trabalhava em uma empresa de In-diaal.

— Eu sempre fui da comunicação, de “vestir a camisa”, mas achava que não era merecedora, não sei explicar o porquê — revela.

VIRADA DE CHAVE VEIO HÁ CINCO ANOS

O problema é que quando um sonho existe, chega um momento que uma voz interior grita. O “sacode” da blumenauense veio em 2019, quando viu Sasha Bauer se tornar ra-

inha. Com porte físico semelhante ao dela, Gabrielle entendeu, pela primeira vez, que teria chances. Mas era preciso tentar.

Em 2022, o luto por uma perda familiar a fez desistir da inscrição. Em 2023, participou e ficou em quinto lugar. A derrota não a desestimulou, pelo contrário. Em outubro do ano passado Gabrielle deixou o palco do Spaten Platz, no Parque Vila Germânica, onde o concurso ocorreu, com a certeza de que voltaria mais preparada.

A partir de então, passou a escrever com determinação um novo capítulo da própria história. Ganhou o concurso de Miss Blumenau 2024 e o de Miss Simpatia de Santa Catarina. Durante esse percurso, conheceu a ex-rainha Sasha, que também foi miss blumenauense. Recebeu orientações e incentivos dentro e fora de casa. Arriscou tudo ao perder o emprego devido à dedicação e desistir da bolsa de mestrado.

Trocou os livros de engenharia pelos da história da festa. Melhorou a oratória, postura e, principalmente, a autoconfiança. Mesmo assim, manteve os pés no chão:

— Eu disse para minha mãe: “Me preparei para ser princesa”. Ela: “Para com isso, você pode ser rainha” — emocionou-se ao lembrar.

Durante o discurso no domingo, citou a família. Foi a renda extra nos trabalhos temporários em Oktoberfests que ajudou os pais dela a darem conta das despesas quando Gabrielle ainda era pequena. A festa sempre significou, também, sinônimo de cultivo às tradições. A partir de agora, será um dos trabalhos mais importantes na vida da jovem. No momento em que recebeu a coroa, disse que o que sentiu foi uma enorme gratidão:

— Todo esforço valeu a pena. Eu larguei tudo para viver isso. Sou grata pelos jurados terem percebido a minha essência.

O brilho nos olhos e as lágrimas que caem sem cerimônia quando a nova rainha fala do sonho realizado e da família são sinais claros de que um reinado cheio de amor começou.



FOTOS: DWIGHT RODRIGUES



Gabrielle Kratz, a nova rainha da Oktoberfest Blumenau. Ao lado, na ordem, estão Giane Prochnow, 1ª princesa, e Gabriela Schoeler, 2ª princesa



A jovem gaúcha que virou princesa da maior festa alemã das Américas pela segunda vez

ANA CAROLINA METZGER
ana.metzger@nsc.com.br

Pela segunda vez a realeza da Oktoberfest contará com a elegância e o charme de Giane Prochnow. A gaúcha já fez parte do reinado durante três anos, ao ser eleita a 1ª princesa da 37ª edição da festa, em 2019. Agora, ela retorna à mesma posição, mas com uma postura ainda mais madura em relação à responsabilidade que vai carregar mundo afora. Afinal, não foi por acaso que a jovem de 28 anos recebeu, novamente, a coroa que já lhe pertenceu em um passado recente.

Desde pequena, quando a família saiu do RS para morar em Blumenau, Giane viu surgir um brilho no olhar logo que começou a assistir aos primeiros desfiles da Oktober. Sentada na calçada da Rua XV, ela e a irmã gêmea, Joice, se deslumbravam com o trio que aparecia acenando para o público, como em um conta de fadas.

Mal sabiam as duas meninas que, no futuro, eram elas quem estariam representando a maior festa alemã das Américas. Giane conta que ao se candidatar à realeza pela primeira vez, em 2019, foi Joice (eleite em 2022 a rainha da Oktober) a pessoa que mais a incentivou a encarar aquele desafio. À época, tomou a decisão de entrar para o concurso aos “45 do segundo tempo”. E foi assim que ela se tornou, pela primeira vez, a 1ª princesa da Oktoberfest Blumenau.

O que ninguém esperava era que o reinado fosse durar três anos. Isso porque a pandemia de Covid-19 mudou os planos da festa, que precisou ser cancelada em 2020 e 2021. Somente em 2022 Giane pôde, finalmente, viver a sensação de estar com o público para celebrar, todos juntos, as tradições germânicas.

E, em princípio, aquilo bastava. O sonho tinha sido realizado. Mas não. Em 2024, decidiu voltar.

— Retornar à realeza foi um grande sonho. Eu falava que não ia acontecer. Porque eu saí do primeiro reinado falando que eu não voltava mais. As pessoas perguntavam se eu ia tentar de novo. Eu dizia que não. Mas a gente aprende com os nossos “nãos”. Nunca diga nunca — revela.

Gabriela Schoeler realiza sonho de infância, vira 2ª princesa e se surpreende ao ser chamada ao palco

TALITA CATIE
talita.medeiros@nsc.com.br

A voz ainda está embargada pela emoção, e não é para menos. Gabriela Schoeler sonhava desde a infância pertencer à realeza da Oktoberfest. Quando teve o nome anunciado no microfone, estava incrédula atrás do palco e chegou a perguntar para Gabrielle Cristine Kratz — que mais tarde recebeu o título de rainha —: “Sou eu?”. A resposta foi “sim, é você”. Passos dias daquele momento, a ficha ainda não caiu, garante.

Gabriela nasceu e cresceu em Blumenau assistindo aos desfiles na Rua XV de Novembro e brincando dentro dos pavilhões da Vila Germânica com a família. A realeza logicamente atraiu os olhares da menina. Mas a relação com a festa é anterior a isso. O pai da agora segunda princesa é de Itapiranga, no Extremo Oeste de Santa Catarina, cidade considerada berço da Oktoberfest no Brasil, onde a festa começou em 1978 — seis anos antes do evento no Vale do Itajaí.

— Antes de nascer eu já tinha esse vínculo com a festa e cresci em meio aos pavilhões da Vila Germânica, sempre foi minha paixão — conta.

A avó sempre foi uma das maiores incentivadoras da neta. Quando Gabriela ainda era pequena, dona Silvína dizia que ela seria da realeza. Não deu outra: quando completou 21 anos, idade mínima exigida para participar do concurso, lá foi ela se inscrever. Foram dois meses exaustivos de preparação até a final no domingo. Sua maior façanha, descrita como “a alemoa apaixonada pela Oktoberfest”, assistiu on-line, a 650 quilômetros de distância, mas torcendo como se estivesse segurando a mão da jovem.

— Ver ela assistindo às 22h, chorando, para mim isso já tinha valido a pena — confessa.

Gabriela voltou para casa, no bairro Victor Konder, com a coroa tão desejada. A alegria era tamanha que conseguiu dormir apenas duas horas e pulou da cama cedo na segunda-feira (28) para os primeiros compromissos como integrante da realeza. Ela reconhece que a magnitude do desafio tem sido vivenciada aos poucos.

DC Revista (02.11 – 08.11.2024)

Ânderson Silva

“Lei Cancellier”

Lei Cancellier / Carla Ayres / Estatuto do Servidor Público Federal / Ex-Reitor /

Luiz Carlos Cancellier de Olivo / UFSC

LEI CANCELLIER

Antes de deixar o cargo de deputada federal, em substituição a Pedro Uczai, Carla Ayres (PT) apresentou um projeto para alterar o estatuto do Servidor Público Federal. Entre outros pontos, o texto prevê o limite de até dois processos administrativos disciplinares (PADs) ou sindicâncias simultâneas contra o mesmo servidor público. Segundo Carla, a ideia é evitar “a repetição de episódios trágicos como o que vitimou” o ex-reitor da UFSC Luiz Carlos Cancellier de Olivo. Por isso que a lei ganharia o nome dele, conforme o projeto da deputada.

CLIPPING DIGITAL

02/11

[Julgamento caso Marielle: Não deixar que roubem o futuro](#)

[História da Escola da Costa da Lagoa é contada em exposição fotográfica no CIC](#)

[Por que as eleições presidenciais nos Estados Unidos são importantes para SC e o Brasil](#)

[Programa Trabalho Doméstico Cidadão: parceria entre MMulheres, Fenatrad e UFSC fortalece formação de trabalhadoras domésticas](#)

03/11

[Pesquisa brasileira revela novos fatores genéticos relacionados ao suicídio](#)

[Estudo brasileiro revela fatores biológicos nos pensamentos suicidas; saiba mais](#)

[Especialista explica como as eleições nos EUA afetam relações externas](#)

[Fundação Certi celebra 40 anos de inovação; veja trajetória e depoimentos](#)

[Aliada a natureza empresa de energia de saneamento utiliza de maior parte de sua energia de fontes renováveis](#)

[Governo de SC apresenta plano aeroviário que prevê investimentos superiores a R\\$ 254 milhões](#)

[Enem 2024: primeiro da fila em Florianópolis estudou 13 horas por dia durante um ano](#)